

# Pondo a vergonha de lado<sup>1</sup>

## Putting Shame Aside

Luiz Guilherme Santos Neves\*

O coração é um mistério sem fim.

Goethe

**D**o que me aconteceu, não conto um terço. Conto um quarto? Um quinto? Que seja um sexto, pondo a vergonha de lado.

O que primeiro ouvi foi o tropel da diligência que se aproximava na noite cerrada. Afastei as cortinas da pequena janela e divisei a luz pálida das lanternas projetando-se acima da parelha dos cavalos. Sob os chuviscos da noite,

---

<sup>1</sup> Texto inédito escrito para um possível conjunto de outros no mesmo estilo, baseados em intertextos de vários autores, ora liberado e antecipado para a revista *Fernão*. Esta narrativa foi baseada em *O diário*, de Johann Wolfgang von Goethe (In: DANTE et al. *Retrato do amor quando jovem*. Projeto e tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 239-257).

\* Historiador, docente aposentado do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo, e escritor, autor de narrativas como *A nau decapitada* (1982), *As chamas na missa* (1986), *Torre do delírio* (1992), *O templo e a força* (1999), *O Capitão do Fim* (2001), e de crônicas como *Passeio pelo Centro de Vitória na companhia de Rubem Braga* (1992), *Escrivão da frota* (1997), *Crônicas da insólita fortuna* (1998), *Cidadilha – crônica inverossímil da cidade inexistente* (2008), entre outras obras literárias, historiográficas e didáticas.

a luz dava a impressão de tremular, mas com força suficiente para que eu distinguísse o passageiro que chegava, quando abriu a portinhola e saltou através dela. Usava sobretudo escuro e chapéu também escuro. Sob o braço direito, comprimia uma pasta de lona ou de couro, pois não dava para distinguir direito. Na mão esquerda sustinha uma sacola de viagem.

Não havia dúvida de que chegava de uma jornada demorada e cansativa. A mim coube fazer o que tinha de ser feito: abrir a porta da estalagem e recebê-lo sob a lufada de vento frio que rodopiou pelo saguão e quase apagou a lareira e a candeia que eu segurava na mão.

– Quem chegou aí em cima? – ouvi a voz rouquenha da minha tia, na parte de baixo da estalagem, uma espécie de porão onde vivia sua velhice interminável.

– Um novo hóspede – gritei informativa.

– Alojê-o e vai dormir que já é tarde – tartamudeou a velha com a autoridade de dona da estalagem, a única existente naquela encruzilhada do interior da Baviera.

Alojá-lo implicava um desdobramento de atividades: levar o bernal de viagem do recém-chegado até o quarto onde seria acomodado, no andar superior; acender as velas no candelabro de três braços, próximo da cama; despejar água na bacia de louça para que lavasse o rosto e as mãos; servir-lhe a ceia neste mesmo cômodo; preparar sua cama para a dormida, estendendo o lençol de fustão sobre colchão de palha amplo e convidativo antes de desejar boa noite e retirar-me. Miudezas do meu dia a dia que resvalavam para a noite quando hóspedes tardios chegavam à estalagem.

Eu as cumpria com desvelo, em gestos rotineiros e precisos, apesar do cansaço de um dia de trabalho, indo e vindo, vindo e indo com leveza de corpo e

conversando, porque gosto de parolar com os estranhos que hospedamos - minha velha tia e eu.

O que falo e o que converso? Coisas que me vêm à cabeça para deixar o hóspede à vontade e bem informado sob o teto em que se encontra: como foi de viagem; se vai demorar muito ou pouco tempo; se quiser água para beber é a que está na jarra de louça sobre o criado mudo; se precisar de mais alguma coisa basta puxar a sineta pelo cordame de fios entrançados que pende do teto de madeira.

Se eu gesticulo quando falo? É defeito que trago desde criança como também o de, a toda hora, ajeitar a touca que esconde minha cabeleira farta e lisa.

Se me volto para o meu ouvinte quando falo? Sim, faço-o com frequência porque gosto de saber se sou ouvida, se me dão a atenção que julgo que mereço, e que, se concedida, retribuo com sorrisos. Porque sou de riso fácil, mas um riso comedido e sem insinuações levianas, embora risinho raso e grácil que aos olhos da pessoa a quem é dirigido deve parecer simpático e atraente, nada mais do que isso é o que pretendo que meu riso seja. Nada mais do que isso? Será realmente o meu risinho assim tão ingênuo quanto penso que é e que estou dirigindo ao hóspede com quem converso animadamente no quarto em que o acomodo?

Não, não, não devia ser e assim não era porque, num impulso que me pegou pelas costas, ele atirou-se repentino sobre mim, cingindo-me com vigor contra seu corpo ardente e rijo. Presa na arapuca dos seus braços resolutos, já sem a touca que caiu ao chão e que retinha meus cabelos e sentindo sobre minha cabeça o frêmito de sua respiração entrecortada e quente, que se propagava até o meu pescoço, ensaiei uma reação defensiva com palavras dissuasivas – “largue-me, largue-me” – gemidas em voz baixa para não acordar minha tia.

– Quietinha, princesa! Nada de barulho! – ele sussurrou por entre os meus cabelos como se tivesse adivinhado em meu tremor o meu temor e meus cuidados, enquanto me arrastava à força para o leito.

– Bertina, que alvoroço é esse aí em cima? – veio lá de baixo a voz apreensiva.

– Não é nada, tia. Estou dando os retoques finais na acomodação do nosso hóspede. Já vou descer – acalmei-a falseando com a verdade.

– Avia-te que daqui a pouco já é dia – disse ela. E mais não disse.

– Bertina, bonito nome... – ouvi silabado em surdina em minha orelha pela voz galante daquele que para o leito me levava à luz das velas, onde me aninhou e me despiu impondo sua vontade sobre a minha, sempre repetindo quietinha, princesa, quietinha.

Entregue ao seu domínio inflexível, entorpecida por seus gorgojeios de encantamento – um irresistível vocabulário de convencimento erótico – acedi submissa ao que me estava reservado, restringindo-me a implorar: – Por favor, não seja bruto. Não sou de ir para cama com um e outro.

Roçando os lábios sobre meu rosto e tocando-me os seios levemente com dedos mornos, ele retrucou: – Prometo que serei terno com você. Não se assuste. Mas, por favor... não grite nem faça barulho para não incomodar sua tia”.

Prometo – disse eu pondo-me inteiramente a sua mercê. - Oh, Gott, o que mais podia fazer em minha fraqueza de subjugada a não ser me entregar, franzina e serva, a quem de mim dispunha? Mas do que então se passou, nem pondo a vergonha de lado, ousou contar.



– Do que me aconteceu, não conto um terço. Conto um quarto? Um quinto? Que seja um sexto, pondo a vergonha de lado.

O que primeiro vi, poucos metros a minha frente, foi a luz da estalagem tremulando qual estrela, na noite chuvosa e fria. Quando saltei da diligência, com a sacola de viagem e sobraçando a pasta de papéis em que guardo meu diário e meus poemas, recebeu-me à porta da estalagem uma bela moça, sob o lume de uma candeia, o que a tornava mais bela ainda. Deu-me passagem num recuo gracioso e entrei no saguão empurrado pelo vento que enveredou interior adentro, por pouco apagando a candeia e o fogo da lareira que iluminavam o ambiente. Num gesto para mim inesperado, a jovem tirou-me da mão a sacola de viagem e disse: – Vamos subir. Seu quarto é logo ali.

– Quem chegou aí em cima? – veio através das tábuas do assoalho, como se brotasse de um alçapão misterioso, uma voz roufenha de mulher.

Minha jovem acompanhante respondeu que era um novo hóspede que chegava e gentilmente convidou-me a segui-la.

Subimos pela escadinha estreita, ela à frente, eu atrás apreciando sua leveza e determinação de movimentos. Ela sabia muito bem o que fazia e o fazia com etérea destreza como se movida por uma sonata angelical que somente ela ouvia, arrumando aqui, ajeitando ali, pondo-me a par do que havia à minha disposição no aposento, falando, falando sem parar, sorrindo sempre seu sorriso cativante e promissor. Por breve tempo, pediu licença e se ausentou. Quando voltou, trazia numa bandeja de cobre o frango da ceia que trinchou com jeito e graça, o sorriso provocante, a conversa fluente e fácil, os olhos reluzindo de promessas, os seios arfantes e aflitos, o rubor na face disfarçando a timidez forçada - um conjunto de indícios que convidavam ao amor, porque assim me pareciam e desejei que assim fossem. Interpretando os auspiciosos sinais que turvaram por completo a

minha mente, pressenti o levante do desejo no mais íntimo do meu ser, sem que ousasse sufocá-lo.

De pronto, movido puramente pelo instinto, saltei da cadeira e ataquei pelas costas quem a mim se oferecia tão chiquitinha num jogo de coquetismo provocante (era o que eu pensava). Com meu bote de felino no furor do cio foram ao chão a touca que retinha a basta cabeleira da minha hospedeira, a pasta de poemas e a bandeja vazia da ceia que me fora servida, enquanto minha aturdida prisioneira implorava em tom bem fraco: – Largue-me, largue-me...

– Quietinha, princesa! Nada de barulho! – ciciei por entre seus cabelos, arrastando-a trêmula e mansa para o leito com palavras sedutoras para domá-la e incendiar o seu ardor e a sua volúpia.

– Bertina, que alvoroço é esse aí em cima? – veio lá de baixo a voz apreensiva.

– Não é nada, tia. Estou dando os retoques finais na acomodação do nosso hóspede – respondeu a prisioneira já estendida na cama onde eu a depusera e a quem desnudei com dedos ávidos e à luz das velas.

Deixando-se abater sem resistência, ela restringiu-se a implorar: – Por favor, não seja bruto. Não sou de ir para cama com um e outro. No nosso caso, foi diferente. Confesso que mal o vi, fui conquistada.

– Prometo que serei terno e bondoso, não se assuste. Mas, por favor... não grite, nem faça barulho – lembro de ter dito depois de elogiar a beleza do seu nome.

No entanto, oh, götten, götten, deuses malditos, peja-me dizer: o máximo que aconteceu entre mim e Bertina foi uma noitada de carícias epidérmicas – nada mais do que isso. Porque na hora decisiva em que sobre ela eu devia me acomodar para coroar com êxito o golpe triunfal e íntimo que une um homem a

uma mulher, eis que me fuge o ímpeto e se me arrefece o cetro desmilinguindo-se o levante do desejo que pestanejara no mais íntimo do meu ser enquanto, de puro cansaço do longo dia de trabalho e da imperdoável frustração a que foi submetida, adormeceu Bertina ao meu lado, inviolável e nua.

Vergonha como essa jamais passei: eu, que me considerava sequioso de paixão, ficar reduzido a um enxoval de beijos e afagos para com a bela dama que de corpo e alma se entregou à minha virilidade cabisbaixa!

Pela manhã, ainda cedinho, foi-se a bela adormecida da cama onde pousara e repousara e fui-me da estalagem onde pretendo nunca mais dormir, nem pôr os pés.

Todavia, como o coração é um mistério sem fim e como poeta que recolhe dos bons e maus momentos da vida o joio e o trigo para suas imagens e iluminuras poéticas, da vexatória experiência sofrida com Bertina restaram-me, por consolo, estas oitavas que escrevi antes de embarcar na carruagem e retomar viagem.

*“Quanto mais eu pensava em minha sina,  
Mais a alma fervia em xingamentos.  
Sarreio, maldigo-me: cretina  
Crise! Não há registros de momentos  
Assim: primeira vez dos dois. Menina  
Mais bela ainda à luz dos pavios lentos...  
A moça que trabalha o dia inteiro,  
Prefere o sono, que é o que vem primeiro.*

*O galo canta. A moça logo arranca  
As cobertas; se enfia num corpinho.  
Estranha a hora e o lugar. E ali, tão branca,  
Hesita, olha – e nem o vê sozinho!  
Evapora-se o vulto atrás da tranca,  
Deixando nele um sonho... e um caminho.  
Soa a trompa, se enfia na carruagem  
E se deixa levar para outra imagem.”*

Por ora, foram os versos que compus sobre minha malograda noitada de amor. Mas, para me redimir do patético fiasco por que passei hei de acrescentá-los de mais estrofes, compensando o meu ego aniquilado com prazer poético e divagação do imaginário, pois que antes de tudo sou poeta.